



VEREDAS

PSICANÁLISE E IMIGRAÇÃO

**Lançando questões sobre um trabalho de
questões infinitas**

www.veredaspsi.com.br

Lançando questões sobre um trabalho de questões infinitas...

Bruno Monachini e Pedro Seincman

Parece frutífero pensarmos os fluxos migratórios contemporâneos a partir do processo de descolonização do terceiro mundo e da decorrente configuração geopolítica mundial. Os processos colonizatórios empreendidos desde 1492 na América, África e Ásia, marcados pelo etnocídio, espoliação e violência infinita por parte dos colonizadores brancos e europeus são um marco que não pode ser esquecido quando pensamos nos problemas contemporâneos dos países pobres. Problemáticas guerras de libertação nacional, conflitos internos, ditaduras trágicas, a perda da soberania nacional, a espoliação de todo tipo de recurso natural e humano marca cada uma dessas nações cuja história e realidade social muito diferem da Europa ocidental e da América inglesa. Deste modo, os motivos que levam alguém a emigrar de cada um desses países podem ser bastante distintos.

O nigeriano fugido de conflitos religiosos, o mali fugido de conflitos étnicos, o sírio refugiado de guerra, a congoleza que foi sequestrada e violentada por um dos grupos armados que assombra seu país, a família colombiana que emigrou perseguida pelas guerrilhas, o somali que saiu da África por conta da homofobia, o guiné que julga ser impossível viver em seu país desde o recente golpe de estado, o iraniano que sofreu restrições de liberdade, o colombiano que foi vítima do tráfico de pessoas, o outro congolês perseguido e condenado a morte pelo governo por motivos políticos, o advogado de direitos humanos camaronense que fugiu ameaçado também pela máfia do tráfico de pessoas, o haitiano que emigra devido a um estado de calamidade social a nível nacional, o boliviano e o peruano que, no Brasil, buscam trabalho e melhores condições de vida, enfim... todos esses são sujeitos com os quais já desenvolvemos um trabalho clínico na Casa do Migrante e cujo sofrimento de algum modo é marcado por uma origem social. O acolhimento que esses migrantes têm no Brasil costuma ser paradoxal. Se, por um lado, eles conseguem entrar no país, têm direito a usufruir de alguns serviços públicos como o SUS e muitas vezes conseguem a documentação necessária para viver e trabalhar aqui, por outro eles se veem frequentemente em situação de rua pela falta de abrigos, comumente têm seus documentos roubados sem os quais perdem a possibilidade de exercer direitos básicos, entram em filas de espera de meses na Polícia Federal para entrarem com o pedido do direito de terem uma carteira de trabalho ou mesmo de serem aceitos como refugiados. Além dessas dificuldades concretas, o imigrante vivencia uma situação de limbo jurídico e psíquico.

Para pensar essa realidade com a qual nos deparamos em nosso trabalho, vamos pegar emprestado uma formulação de Fanon, revisitada pelo sociólogo porto-riquense Ramón Grosfoguel.

Fanon nos fala de uma estéril e árida zona do não-ser, onde os seres humanos não são reconhecidos socialmente em sua subjetividade e em seus direitos. Trata-se do traçado de uma linha sobre toda a humanidade, sendo que aqueles que acabam com o desprivilégio de permanecer abaixo dessa linha tem negada a possibilidade de serem ou se tornarem sujeitos (FANON, 2008; GROESFOGUEL, 2011).

La zona del ser y no-ser no es un lugar geográfico específico sino una posicionalidad en relaciones raciales de poder que ocurre a escala global entre centros y periferias, pero que también ocurre a escala nacional y local contra diversos grupos racialmente inferiorizados. Existen zonas del ser y no-ser a escala global entre centros occidentalizados y periferias no-occidentales (colonialidad global) pero también existen zonas del ser y no-ser tanto en el interior de los centros metropolitanos como también dentro de las periferias (colonialismo interno). (GROESFOGUEL, 2011)

Há também uma ressalva especial em relação aos conflitos encontrados na zona do ser e na zona do não-ser:

en la zona del ser tenemos formas de administrar los conflictos de paz perpetua con momentos excepcionales de guerra, mientras que en la zona del no-ser tenemos la guerra perpetua con momentos excepcionales de paz. (GROESFOEGUEL, 2011)

Mesmo críticas, teorias como o marxismo, a teoria crítica o estruturalismo (e pós-estruturalismo) e a psicanálise são teorias que nasceram nessa zona do ser, onde a dimensão dos problemas sociais e psicossociais não é o mesmo dessa zona de guerra perpétua com momentos excepcionais de paz. Neste impasse e um pouco instigado por aquilo que Boaventura de Sousa Santos chama de “Epistemologias do Sul”, cabe questionar qual é a potencia da psicanálise para intervir socialmente na realidade brasileira e, especificamente, com as pessoas que habitam essa dita zona do não-ser. E mais além, cabe indagar como deve ser a psicanálise nessa realidade para que ela, com efeito, tenha alguma potência de intervenção social.

A psicanálise e a intervenção social: dá samba?

Reconhecendo que não estamos sozinhos na batalha de pensar e atuar com a psicanálise em territórios que estão, de certo modo, além daqueles experimentados por seu mentor, parece frutífero

trazer algumas outras experiências de trabalho psicanalítico que enfrentam cotidianamente o árido solo dos problemas sociais brasileiros. Para essa breve apresentação, traremos os exemplos dos projetos “A Casa da Árvore” e “Casa dos Cata-ventos”, ambos inspirados no modelo da *Maison Verte* idealizado e implantado na França por Françoise Dolto.

A “Casa da Árvore” é um serviço de acolhimento para crianças e famílias que vivem nas favelas do Rio de Janeiro. Ela foi fundada em parceria com o Serviço de Psicologia Aplicada da UERJ, que, no início dos anos 70 tinha influências de uma linha kleiniana mais ortodoxa. Isso fazia com que as técnicas e estratégias utilizadas nos serviços fossem “importadas” com certa rigidez dos modelos estrangeiros, sem que necessariamente se levasse em conta algumas especificidades culturais, estruturais e conjunturais dos serviços e das demandas no Brasil e, mais especificamente no Rio de Janeiro. A Casa nasceu nesse contexto institucional e se propunha a atender a enorme quantidade de inscritos que procuravam os serviços existentes e oferecidos pela universidade.

No texto “A força que nunca seca”, os autores reforçam que uma tentativa de dar conta dessa demanda por uma via da clínica psicanalítica tradicional produziria sintomas como longas filas de espera e altos índices de abandono de tratamento. Percebiam, portanto, que precisavam de outras estratégias de acolhimento e de algumas mudanças de funcionamento: o modelo institucional não era suficiente, tampouco o eram os dispositivos de acolhimento e de escuta. Porém, o método de trabalho parecia claro: ampliar o campo da intervenção psicanalítica ao agir em um espaço social, o que deve gerar uma nova ética na prática da psicanálise.

“(Qual o modelo que utilizamos ao atender na Casa do Migrante? Quais são as importações da clínica tradicional e quais os novos dispositivos que criamos? Atuamos a partir de uma clínica psicanalítica no social?)”

A *Maison Verte* foi criada como um espaço de lazer e de palavra, onde crianças da primeira infância iam acompanhadas de pelo menos um adulto. O objetivo dessa instituição é prevenir “microneuroses” através da introdução de uma palavra justa, descritiva da angústia. Através do brincar e da fala, as crianças e adultos poderiam elaborar novos caminhos para os atos de violência e as dificuldades de seus papéis. Essa violência seria, segundo Dolto, originada no próprio contato da criança com a sociedade.

Muitos são os casos em que nos deparamos, na Casa do Migrante, com separações forçadas e dolorosas do ambiente familiar, seja dos membros de uma família que se despedaça ou é em parte assassinada, seja o abandono da familiaridade que o local onde viveram os atuais migrantes proporcionou.

A *Maison Verte* não é um local de saúde, tampouco um local de educação. Lá não se fala necessariamente sobre sintomas e não há um esforço por uma reeducação. É um lugar da psicanálise, afirma Dolto. “Mas de um lugar da psicanálise onde as palavras são bem simples... Na

Maison Verte, eles são 'psicanalistas da cidade', pois falam – e falam muito. Cabe a eles falar e opinar, já que estão em um espaço social”. Esse falar deve atuar nos pontos de surdez dos responsáveis em relação às crianças, para possibilitar que estas se coloquem em um lugar próprio delas no mundo. Dolto define o trabalho na *Maison Verte*: “... colocar um ser humano em sua identidade, seu espaço, seu tempo, sua linhagem; e lhe permitir as mediações imaginárias que sustentam a simbolização das relações humanas”. (Dolto, XXX, p. xxx)

A Casa do Migrante também não é um local de educação nem de saúde. É um local da psicanálise? Que papel pode ter a escuta de um psicanalista lá? Muitos migrantes estão deslocados de seu tempo, espaço, identidade etc. O que é possível fazer quanto a isso?

Poderíamos apostar que o trabalho clínico que desenvolvemos na casa do migrante pode possibilitar a abertura de uma dimensão da subjetividade que havia sido negada a esse sujeitos. Será que podemos inverter, em nossas intervenções, essa condição política que esses sujeitos vivem na zona do não-ser? Talvez esse campo da subjetividade possa ser inaugurado ao colocar um ser humano, a partir da transferência), em “sua identidade, seu espaço, seu tempo, sua linhagem”, ao permitir que esse sujeito exista a partir das próprias referências culturais e simbólicas.

Na *Maison Verte*, há sempre 3 profissionais por turno e aqueles que frequentam a instituição podem ir no período que preferirem, independentemente do terapeuta que estará presente na casa. A casa é aberta e muitas vezes as crianças não mantêm uma periodicidade organizada. Não se prioriza a transferência com o analista, como se faria em um setting convencional, a prioridade é a transferência do usuário com a instituição, a casa.

A importância da fala nos grupos e nas intervenções transcende uma questão de língua. Muito se conversa com bebês que ainda não teriam idade para falar. “Diríamos que a criança intui a comunicação que lhe fazem. Ela é reconhecida como um ser humano na linguagem, pois o ser humano, já na infância, está na linguagem, completamente (Dolto, 1999, p.159). O fundamento principal defendido por Dolto é do reconhecimento no outro de um sujeito desejante que é capaz de se situar em sua própria história e origem. Na casa do Migrante, talvez isso possa ser um começo de resposta, no sentido de que onde há o não-ser no outro o analista supõe o desejo, permitindo ao sujeito uma nova possibilidade de se situar.

O projeto no Rio de Janeiro visa acolher e trabalhar com uma população que vive em favelas, isolados social e geograficamente, em geral com baixa renda, baixa escolaridade e que convive com a violência e seus efeitos em seu cotidiano, além de viverem em locais onde as leis divergem das formalmente aceitas. Podemos entender essa realidade como uma zona de não-ser dentro de uma cidade, que é dividida em regiões geográficas e sociais em que a subjetividade pode ser ou não negada.

Alguns profissionais da *Maison Verte*, quando questionados sobre a implantação de uma

instituição aos moldes da “estrutura Dolto”, foram céticos e um deles achou absurda a ideia de implantar o projeto onde havia fome e problemas básicos de saúde. “Outro perguntou, irônico, por que entrar na favela, onde a violência, segundo sua expressão, tinha torcido o pescoço das palavras”. **Essa postura carrega um cuidado: manter a psicanálise dentro de certos** limites nos quais ela foi criada e historicamente praticada. Porém, atualmente muitos apostam que a psicanálise tem algo a dizer e a fazer para além dos limites da burguesia europeia. Essas apostas nos trazem novas questões:

Como podemos atuar ao encontrar uma pessoa totalmente absorvida pelo plano das preocupações e aflições do organismo, do corpo biológico, da sobrevivência concreta? Seria a psicanálise (e o simbólico) um privilégio daqueles que erradicaram a fome? Assim como as crianças que usufruem dos serviços da Casa da Árvore, os habitantes da Casa do Migrante frequentemente estão totalmente absorvidos por demandas bastante objetivas como moradia, trabalho, documentos. Como poderia aparecer um sujeito desejante quando a regra são pessoas violentamente despojadas de sua própria subjetividade?

É interessante notar como Milman, falando sobre um projeto “irmão” chamado “Casa dos Cata-Ventos”, defende que um manejo adequado de demandas concretas básicas (como a sede) pode ajudar a construir uma demanda psíquica que possibilita a reorganização de posições e representações: “A única coisa que oferecemos a eles [as crianças] é água (...) Bem, elas pedem água sem parar. Não há sede no mundo que justifique tantos pedidos. Há dois aspectos (...) Por um lado, é a utilização que fazem de nós como objeto – um objeto que cuida e atende. (...) Por outro lado, há a tal cobrança de indenização de que já falei: 'Trabalhem para nós!!! Agora é a nossa vez'. Entre um e outro, servimos a água buscando ajudá-las a chegar a um sentido sobre o insaciável que vai além da sede”. (MILMAN, 2011, p.182)

Na Casa dos Cata-Ventos instaurou-se, por conta da gripe H1N1, a prática de colocar os nomes de cada usuário nos copos, sendo que cada um só poderia beber água em seu próprio copo. O efeito dessa regra chamou a atenção pois fascinou as crianças. A água passou a ser pedida no momento em que tentavam encerrar as atividades de um dia, como forma de postergar o fim. Os autores discutem o papel que aí se instaura da dialética entre o desejo e a demanda. Quando responderam à demanda por água com a inscrição dos nomes de cada demandante em seus copos, aí se apontou para a existência de um sujeito do desejo. Esse seria um exemplo da ética do *parler vrai*, defendido por Dolto. Lacan: “O que devemos considerar aqui, pelo lado da demanda, não pode exatamente se confundir com a satisfação da necessidade, pois o próprio exercício de qualquer significante transforma a manifestação dessa necessidade. (...) ...o que entra na criação do significado não é uma pura e simples tradução da necessidade, mas uma retomada, reassunção, remodelagem da necessidade, criação de um desejo outro que não a necessidade. É a necessidade

mais o significante.”. Os nomes próprios, nesse caso, funcionariam como a invocação do significante TU, que produz “apelo para a voz, isto é, para o que sustenta a falta. Não para a fala, mas para o sujeito portador dela”.

(A importância do nome próprio para os migrantes, muitos ganham apelidos. O cuidado que pode ser simbolizado em uma fala queixosa e de demandas de necessidade.)

No último seminário muito se falou da importância que a transferência teria nos casos que foram apresentados. Mais além, é possível pensar que nesse contexto de desterritorialização física e psíquica, talvez a transferência seja, em si, a própria garantia do setting analítico. No nosso trabalho ela parece resultar frutífera por se estabelecer como possibilidade de criação de laço bidirecional entre o analista e o migrante. Para dizer de forma mais apurada, o laço muitas vezes prescinde da figura de um analista, bastando uma oferta de escuta da equipe, campo onde se estabelece a transferência e onde se supõe um sujeito, um ser, de ambos os lados.

Um caso clínico para nos ajudar a pensar

As questões colocadas até agora não apenas foram incitadas pelos textos sobre as experiências das estruturas Dolto na França e no Brasil, como surgiram a partir de nossa própria experiência clínica em nosso trabalho na Casa do Migrante. Acreditamos que nossa equipe criou (e vem recriando a cada instante) uma forma de se trabalhar com a psicanálise nesse contexto tão rico que é o de uma casa de acolhida para migrantes e refugiados de todo o mundo. O caso que apresentaremos a seguir é apenas um dos casos nos quais trabalhamos atualmente, porém pode ser que nos ajude a pensar, juntos, em possíveis respostas para os temas que foram levantados até aqui. Não nos propomos aqui a explicitar qualquer tipo de análise mais profunda. Esperamos com essa exposição e com o relato de caso a seguir instigar a elaboração de hipóteses sobre as questões até agora colocadas.

Cami é haitiano, tem por volta de 40 anos. Já adulto se mudou para a República Dominicana com alguns familiares para trabalhar. Depois de alguns anos sem conseguir trabalho ele resolveu vir para o Brasil, onde esperava encontrar melhores condições para se sustentar. Hoje seus irmãos e familiares estão espalhados pelo Haiti, República Dominicana e Estados Unidos.

Por diversas vezes havíamos nos cruzado nos corredores da casa, a maior parte delas com uma breve troca de acenos e um “boa noite”. Um dia de outubro, eu tinha acabado de conversar com outro morador quando Cami se aproxima e começa a me explicar de onde era, quando havia chegado no Brasil, que tipo de emprego estava procurando, tudo isso com uma fala extremamente

enrolada que depois percebi ser uma tentativa de falar um “portunhol”. Nesta primeira conversa ele se mostrava bem angustiado por sua dificuldade em conseguir os documentos que precisava para trabalhar. Em nenhum momento ele pede minha ajuda ou fala em tom de reclamação, apenas repete que Deus vai ajudá-lo pois tudo o que acontece com ele faz parte do plano que Deus criou para sua vida.

Apesar de não termos combinado, nas semanas seguintes ele me procurou. Sempre perguntava se minha família estava bem e depois engatava na mesma sequência: falar que tinha tido seus documentos roubados, que estava buscando um meio para que um familiar mandasse novos documentos para ele do Haiti, que queria muito começar a trabalhar e, por fim, a falar de Deus (era o momento em que descambava a falar). Me chamou muito a atenção o fato de ele não se queixar sobre os ocorridos e suas dificuldades. Ele relatava como se tudo estivesse sempre bom, apesar de ser possível notar em seu rosto angústia.

Estávamos já no meio de dezembro quando anunciei para Cami que tiraria minha férias de fim de ano (3 semanas). Sua fala mudou. Começou a falar da importância que tinha para ele o Natal. Falou que era a época do ano em que sua família e seus amigos se juntavam para comer e celebrar juntos. Ele se emocionava ao falar disso tudo. No fim do atendimento ele me contou que em um de seus trabalhos na República Dominicana ele havia sido roubado, mas resolveu não prestar nenhuma queixa sobre o ocorrido. Pela primeira vez ele dizia algo com raiva, se queixando do ocorrido e mostrando que havia ficado extremamente ofendido. Foi também a primeira vez que eu me dei conta de que ainda não tinha conseguido guardar seu nome. Já havia lhe perguntado 2 ou 3 vezes e mesmo prestando muita atenção não podia me recordar.

Depois das minhas férias ele voltou a me procurar nos corredores. Dessa vez estava animado pois tinha conseguido um emprego com construção que não pedia documentos. Dizia que fora informado que seus documentos demorariam pelo menos mais 3 meses para ficarem prontos, então a única solução seria trabalhar dessa forma.

Nas 3 semanas seguintes não nos encontramos, até que na 4ª semana ele me buscou para contar que havia sido enganado e que essas semanas que passou trabalhando não seriam pagas. Estava enfurecido, apesar de manter um rosto calmo, quase sorridente e angustiado. Em nenhuma ocasião havia se colocado tão veementemente contra algo que lhe ocorreu. Depois dessa conversa finalmente consegui memorizar seu nome.

Agora era eu quem ia procurá-lo quando chegava na casa. Chamava seu nome e ele começava a conversa “Como vai sua família? Todos bem?”. Ele estava no “limbo jurídico”, já que não poderia trabalhar (legalmente) até que seus documentos ficassem prontos e isso pode levar muito tempo. Os assuntos iniciais voltaram a aparecer e era como se aquele sujeito tivesse voltado a se esconder atrás da bondade e da feição semi-alegre. Mas dessa vez ele encontrou outro caminho.

Um dia chegou com uma apostila de ensino do crioulo e me disse que gostaria de me ensinar. Ele lia frase por frase da apostila e repetia para mim seus significados em espanhol e em francês. Ficou muito animado com essa atividade, inclusive fez questão que eu levasse o material para tirar cópia.

Mais umas semanas passaram e ele me contava outra vez de como não conseguia dormir por conta da espera de seus documentos. Nesse ponto eu já havia indicado para ele algumas vezes que deveria falar com a assistente social da casa e com o padre, o que ele realmente fez. Perguntei, então, por que ele não fazia outras atividades enquanto não podia trabalhar. Ele de cara afastou a possibilidade de trabalhar ilegalmente outra vez, mas conseguimos pensar que ele poderia buscar atividades culturais gratuitas ou cursos. Falei para ele do SESC. Ele parecia animado, mas desconfiava que se podia participar dessas atividades sem documentos. Me pediu então que lhe mostrasse onde ficava o SESC. Nesse dia havia ido sozinho à casa e achei que não teria problema sair um pouco com ele pelo centro. Mais uma vez Cami saiu de seu casulo. Bastou sair do SESC para começar a me falar sobre seus desejos de conhecer uma mulher respeitadora, fiel, e sobre sua curiosidade com o trabalho de cabeleireiro.

Seguimos conversando semanalmente, sempre nesse vai e vem: do conformismo com o limbo jurídico ao sujeito que ama e odeia.

Bibliografia

ANDRADE, SOUZA e LINZ. *A Casa da Árvore: por uma escuta psicanalítica na prática de intervenção social*. In: Revista ECOS, vol.1 n° 2. Rio de Janeiro, 2012.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GROSGUÉL, R. La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos. 2012. Disponível online em: <http://www.elcorreo.eu.org/La-descolonizacion-del-conocimiento-Dialogo-critico-entre-Frantz-Fanon-y-Boaventura?lang=fr>

MILMAN, L. *Casa da Árvore – Ética de Françoise Dolto nas favelas*. In: Pulsional – Revista de psicanálise, ano XVII, n° 181, mar/2005.

PEDROSO, A. e SOUZA, E. *A força que nunca seca*. Disponível online em: http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/v_congresso/mr_99_-_anderson_beltrame_pedroso_e_edson_luiz_andre_de_sousa.pdf